



**CENTRO DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO”
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

A FORMAÇÃO DOCENTE NA ESCOLA

Maria das Graças Alves de Lima

Guarabira/PB

2014

Maria das Graças Alves de Lima

A FORMAÇÃO DOCENTE NA ESCOLA

Monografia apresentada ao curso de especialização Fundamentos da Educação Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, em cumprimento à exigência para obtenção do grau especialista.

Guarabira/PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732f Lima, Maria das Graças Alves de
A formação docente na escola [manuscrito] : / Maria das
Graças Alves de Lima. - 2014.
43 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual
da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Patrícia da Conceição Domellas da Silva Xavier,
Departamento de Práticas Pedagógicas Interdisciplinares".

1. Formação Docente. 2. Identidade Profissional. 3.
Realização Profissional. I. Título.

21. ed. CDD 372.12

Maria das Graças Alves de Lima

A FORMAÇÃO DOCENTE NA ESCOLA

Aprovado em ___/___/2014.



Profª. MSc. Patricia da Conceição Dornellas da Silva Xavier/UEPB
Orientadora



Prof. Dr. João Damasceno /UEPB
Examinador



Prof. Dr. Rafael Albuquerque Xavier/UEPB
Examinador

*Ao meu bom Deus todo poderoso que
tudo pode sem ele na existiria.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por estar sempre presente em minha vida, guiando os meus passos nessa grande conquista e que me fortaleceu com perseverança e sabedoria.

Aos meus pais (In memoriam), obrigada por tudo que eu sou e pelos exemplos de vida que me deixaram como herança.

À minha orientadora Prof^a Ms. Patrícia da Conceição Dornellas da Silva Xavier agradeço pelo compromisso e pelo incentivo e a paciência nos momentos de maiores dificuldades.

Aos professores que contribuíram ao longo desse curso por meio das disciplinas que realizaram com dedicação ao trabalho docente.

Aos meus colegas de Especialização pela amizade e apoio que me incentivaram a chegar até o final desse curso.

Ao coordenador do curso Prof^o Doutorando Carlos Belarmino pelo incentivo que tanto me ajudou na hora em que eu pensava em desistir.

Aos funcionários pela atenção e o atendimento que colaboraram para que ocorresse tudo perfeito.

Agradeço também ao Governo do Estado, pelo ensino público e gratuito e ao convênio com a Universidade Estadual da Paraíba, pela formação de especialista em Fundamentos da Educação.

O que faz a diferença entre um bom professor e um excelente professor não está apenas nos cursos feitos, não aparece nas teses definidas nem nas pesquisas realizadas. Independentemente dos anos de profissão. É a paixão pelo lecionar, por estar ali todos os dias. É algo que contagia os estudantes e que não pode ser fingido.

JÚLIO CLEBSCH.

LIMA, Maria das Graças Alves de. **A FORMAÇÃO DOCENTE NA ESCOLA**. TCC do grau de especialização, Curso de especialização Fundamentos da Educação Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, 2014, 43p.

Linha de Pesquisa: Ensino, formação de professores e práticas pedagógicas.

Orientadora: Prof^a. Ms. Patrícia da Conceição Dornellas da Silva Xavier

Banca Examinadora: Prof. Dr. João Damasceno

Prof. Dr. Rafael Albuquerque Xavier

RESUMO

A formação docente é um dos campos do conhecimento educacional mais discutido em congressos e nas práticas institucionais pelo Brasil, demonstrando a relevância que essa questão tomou nos últimos anos. A responsabilidade das faculdades formadoras dos futuros profissionais da educação é grande, pois nem todos os que ingressam nas licenciaturas percebem a grandeza do trabalho do professor. Um ponto de partida para a realização profissional é compreender o significado da carreira docente em toda a sua extensão, incluindo, principalmente, o que ela incidirá sobre sua vida pessoal e profissional.

PALAVRAS-CHAVE: formação docente, realização profissional, identidade profissional.

ABSTRACT

Teacher training is a field of educational knowledge, most discussed at conferences and in institutional practices by Brazil, demonstrating the importance that this issue has taken in recent years. The responsibility of training future professionals in colleges of education is great because not all who enroll in undergraduate realize the greatness of the work of the teacher. A starting point for professional achievement understands the meaning of the teaching profession in its entire length, including, especially, she will focus on your personal and professional life.

KEYWORDS: teacher education, professional achievement, professional identity.

SUMÁRIO

1	JUSTIFICATIVA	10
2	OBJETIVOS	11
3	INTRODUÇÃO	12
4	CAPÍTULO I - O PROFESSOR SE FORMA NA ESCOLA	16
4.1	DESAFIOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO EDUCADOR DO SÉCULO XXI: O EDUCADOR QUE OUSA E ACREDITA.	20
4.2	O USO DO COMPUTADOR NA EDUCAÇÃO, A INFORMÁTICA EDUCATIVA.	23
5	CAPÍTULO II - OS DESAFIOS DA INDISCIPLINA NA FORMAÇÃO DOCENTE	26
5.1	PROFESSOR: A SALA DE AULA E OS DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE NA ATUALIDADE	28
5.2	PROFESSOR E A SALA DE AULA	30
6	ANÁLISE DE DADOS	31
6.1	CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO	31
6.2	OBSERVAÇÃO E ANÁLISE DO GRUPO	31
7	CONCLUSÃO	39
	REFERÊNCIAS	41
	APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO	43

1 JUSTIFICATIVA

A função maior da escola é contribuir para a construção da cidadania, formando cidadãos conscientes participativos e com uma conduta pautada em valores sólidos. Os valores humanos como, decidimos chamá-los, andam um pouco esquecidos pela nossa sociedade de capitalistas.

A família deveria ser porto seguro para o aluno, porém, essa se encontra muitas vezes desestruturada e corrompida pelas circunstâncias, se por sorte o aluno tem uma família estruturada e consciente de seus deveres como pais e ou responsáveis, por outro lado existe um mundo de violência e corrupção sendo tão atrativo quanto destrutivo.

Diante desse quadro do professor ser um educador e entendendo que a escola é um espaço principalmente de integração social a ser desenvolvido pelos alunos visando proporcionar um ambiente mais atrativo e acolhedor para que eles possam expressar suas atitudes, desenvolvendo sua afetividade, seu senso de ética, cidadania e justiça minimizando aos poucos a agressividade que costuma ser cultivada no dia a dia.

2 OBJETIVOS

Analisar a educação como instrumento de formação docente através de trabalho desenvolvido na escola pública, assegurar e incentivar a integração de conhecimentos e habilidades necessárias de professores a estruturação curricular nos núcleos contextual estrutural integrado, utilizar técnicas de trabalho em grupo que estimulem o diálogo a integração e a cooperação melhorando assim a socialização e o desenvolvimento da capacidade comunicativa na sua prática, portanto o trabalho docente tem como objetivo ensinar contribuindo para a humanização a ser esclarecida pelo educador.

INTRODUÇÃO

Segundo Azanha (FFUSP) há décadas se discute em congresso, seminários, cursos e outros eventos, semelhantes, qual a formação ideal ou necessária do professor do ensino básico (fundamental e médio) numa demonstração ostensiva de insatisfação generalizada com relação aos modelos formativos vigentes, principalmente nos cursos de licenciatura.

No entanto, essa ampla e continuada gama de orientações ultrapassa o nível de recomendações abstratas sobre a necessidade de “sólida formação aos educadores” da “integração de teoria e prática” da interdisciplinaridade. É claro que sugestões dessa natureza são capazes de suscitar colóquios e debates, mas a sua utilidade não vai além desses efeitos retóricos.

Nessa linha, as preocupações sobre a formação docente aproximam-se da concepção de Comênio (Didática Magna, 1657) segundo qual o “bom professor” seria aquele capaz de dominar a “arte de ensinar a todos”. Comênio, como baconiano convicto tinha uma profunda confiança no poder do método, achava possível que a arte de ensinar fosse codificável num conjunto de prescrições, que a observância estrita fazia de uma pessoa interessada um professor competente. Ele queria implantar no campo de educação a reforma pretendida por Bacon no domínio das ciências, como para Bacon fazer ciência era aplicar num método, Comênio imaginou que ensinar era também a aplicação de um método.

Contudo, quando Comênio falava em método de uma transposição para a educação de concepção Baconiana de método científico. Essa ideia embora equivocada, pois se respaldava numa discutível analogia entre o desenvolvimento social da ciência, sobreviveu pelos menos até os trabalhos de John Dewey, neste

século. Mas nos últimos tempos, essa vinculação direta entre método de conhecimento e método de ensino teve o seu significado original substituído por uma pletora de metáfora sobre conhecimento dos quais fazem enigmáticas citações sobre ensino.

No que diz respeito às propostas de formação docente, o estado das coisas está tão desarranjado que, quando se fala em metodologia e estratégias de ensino, não se consegue discernir entre possíveis relações conceituais entre conhecimento, ensino e valores e em protéticas relações entre capacidade de aprender e suportar fases de desenvolvimento psicológico. Enfim, nem sempre se procura e se consegue distinguir entre o que são exercícios de um jargão na moda daquilo que tem respaldo em investigações teóricas e empíricas.

A adequada formação do professor não pode ser imaginada com a simples e direta aplicação à situação de ensino de um saber teórico. Não se trata de substituir uma orientação psicológica por outra, nem de aplicar os estudos interdisciplinares.

O ponto de vista pedagógico não é uma soma de parcelas de saberes teóricos que, embora necessários, nunca serão suficientes para alicerçar a compreensão da situação escolar e a formação do discernimento do educador. Nesses termos, é claro que não há fórmulas prontas para orientar essa formação, mas o próprio conceito de vida escolar é básico para que se alcance esse discernimento.

Além das considerações anteriores, uma crítica muito grave que se pode fazer a diferentes propostas de bases teóricas da formação docente está na unanimidade que apresentam ao focalizar a figura individual do professor. Traçar o perfil profissional do professor, detentor de determinados competências cognitivas e docentes, é em exercício pedagógico para esboçar um “retrato imaginado” do que

seria o professor universal. Esse exercício seria tão útil para a educação quanto a descrição do “espírito científico” para as disciplinas.

Segundo Chartier (2010), durante o século XX, os professores formados em escolas normais ensinaram a milhões de criança a ler e a escrever apenas com base nos chamados “saberes de ação”, adquirido, primeiro, em estágios nas escolas de aplicação anexas às escolas normais, e em seguida pela interação com seus pares – uma estratégia eficiente ainda hoje. Eles não tinham conhecimentos teóricos da Linguística, da psicologia, da sociologia ou da didática. Por meio deles os professores adquiriram capacidade de análise que lhes permite discutir a própria ação.

É preciso distinguir os resultados de avaliação padronizados, como o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa) e a Prova Brasil, e resultados obtidos por meio da prática em sala, com a equipe docente na escola.

Os primeiros servem para que o governo conduza as políticas públicas, e são naturalmente indutores curriculares, os professores podem, assim, situar a escola em relação à média. No caso de professores mais experientes, essa autoanálise é, muitas vezes, uma forma de dar um passo atrás para separar hábitos inconscientes, já incorporados à rotina. Além disso, na vida cotidiana da classe, produzindo muitos escritos que se capitalizados viram suporte para a memória e para o replanejamento. Referimo-nos, assim, ao planejamento da semana, aos registros individuais com os resultados dos alunos, às anotações nos boletins, às tabelas de progressão, às fotos ou aos textos fixados na sala. Esses documentos são aparentemente incompletos e díspares, mas quando analisados de maneira sistemática, as escritas do professor revelam precisamente a situação dos alunos, mostram o que eles aprenderam e o que ainda precisam aprender.

Sempre encorajando os professores a não jogar para esses registros em estilo telegráfico, o computador pode ajudar a organizar esses arquivos.

Segundo Alarcão (2011) é importante o professor ser reflexivo para atender às necessidades de uma sociedade em constante transformação, as escolas precisam ser dinâmicas e questionadas. Isso não se cumpre se a docência é exercida de forma rotineira. Os professores precisam de formação permanente em seu local de trabalho porque a escola é o lugar ideal, é nela que está a realidade em toda sua complexidade, a tensão entre o pensamento e a ação, entre as tomadas de decisão e avaliação de seus efeitos. É nela que está à possibilidade de construir conhecimento, a prática coletiva. Não basta ser reflexivo individualmente – o que pode causar sentimentos de frustração e solidão. Somente a reflexão e o diálogo não fortalecem a concepção da educação como uma tarefa que exige a complementaridade de saberes, o respeito pelos conhecimentos do outro e o reconhecimento dos próprios limites. O pior que pode ocorrer a um educador é pensar que sabe tudo e os outros nada sabem.

4 CAPÍTULO I - O PROFESSOR SE FORMA NA ESCOLA

Nóvoa (2011) “O educador que acaba de se formar não pode ficar com as piores turmas nem ser colocado nas unidades mais difíceis sem acompanhamento”.

Manter-se atualizado sobre as novas metodologias de ensino e desenvolver práticas pedagógicas mais eficientes são alguns dos principais desafios da profissão do educador. Concluir o magistério ou a licenciatura é apenas uma das etapas do longo processo de capacitação que não pode ser interrompido enquanto houver jovens querendo aprender.

A formação dos professores, embora tenha havido uma verdadeira resolução nesse campo nos últimos vinte anos, ainda deixa muito a desejar. Existe uma certa incapacidade para colocar em prática os conhecimentos adquiridos. Instituições ficaram fechadas em si mesmas, dessa forma, ora por um academicismo excessivo, ora por um empirismo tradicional.

Nóvoa diz que entre inovação e tradição é difícil a mudança na maneira de ensinar. Isso tem de ser feito com consistência e baseada em práticas de várias gerações; É preciso estar aberto às novidades e procurar diferentes métodos de trabalho partindo de uma análise individual e coletiva das práticas.

Elaborado da formação continuada e em ciclo que abrange a experiência docente como aluno (educação base) como aluno-mestre (graduação) como estagiário (práticas da supervisão de base), como iniciante (nos primeiros anos de profissão) e como titular (formação continuada). Esses momentos, só serão formadores se forem objeto de um esforço de reflexão permanente. Com o conhecimento de que a formação depende do trabalho de cada um, o mais importante do que se forma é a formação de todo o conhecimento e

autoconhecimento e que toda formação de autoformação, Por isso, a prática pedagógica inclui o indivíduo com suas singularidades e alentos.

Todo professor deve ver a escola, não somente como o lugar onde ele ensina, mas onde aprende. A atualização e a produção de novas práticas de ensino só surgem de uma reflexão partilhada entre os colegas. As equipes de trabalho são fundamentais para estimular o debate e a formação e ainda participar de movimentos pedagógicos que reúnam profissionais de origens diversas em torno de um mesmo programa de renovação do ensino quanto ao papel ideal do professor do século XXI. Nóvoa afirma que precisamos reconhecer, com humildade que há muitos dilemas para os quais as respostas do passado já não servem: as do presente ainda não existem. Capitando os ideais de Nóvoa, ser professor do século XXI é reinventar um sentido para a escola, tanto do ponto de vista ético, quanto cultural.

Para Vicente Martino, “O professor do século XXI é aquele que além da competência, da habilidade interpessoal e do equilíbrio emocional, tem consciência de que, mais importantes do que o desenvolvimento cognitivo, e o desenvolvimento humano é que o respeito às diferenças está acima de toda a pedagogia”.

A função de todo professor do séc. XXI não é apenas a de ensinar, mas a de levar seus alunos ao reino da contemplação do saber. A nossa grande tarefa como professor ou educador não é a de instruir, mas a de educar o nosso aluno como ser humano, como pessoa que vai trabalhar em um mundo tecnológico, mas povoado de sentimentos, dores, incertezas e inquietações humanas.

Um dos pontos altos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) é o do ensino e da aprendizagem de valores vinculados à cidadania na educação escolar.

Para isso, assinala LDB, uma “bíblia Sagrada” do professor, que o fim último da educação básica, princípios e valores fundamentais que dão um tratamento novo transversal ao currículo escolar.

Muitos de nós, professores, principalmente os do magistério da educação escolar acreditam que o importante, em sala de aula, é o instruir bem, ou seja, ter domínio da matéria que ministra a aula. No entanto, o domínio de conhecimento não deve estar dissociado da capacidade de ensinar, de fazer aprender. O professor do novo milênio deve ter em mente que o profissional de ensino não é mais pedestal, dono da verdade, representante de todos os saberes, capaz de dar respostas para tudo.

Para o Ministério da Educação, é essencial que as universidades públicas preparem mais e melhor, os professores para o ensino fundamental.

Segundo Haddad (2008) a formação docente é prioridade para o ministério; “Dar aula não é nada simples, talvez seja a atividade mais sofisticada que a espécie humana já concebeu”. A afirmação do Ministro Fernando Haddad, justifica a ênfase que o ministério da educação (ME) está dando a formação de professores do ensino fundamental.

Para Haddad, é preciso lembrar como surgiu esse imbróglio sobre a formação dos professores de educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental. Até algumas décadas atrás havia apenas o magistério de nível médio, com a LDB lei de Diretrizes de Bases da educação infantil de 1996; Houve a tentativa de definir a obrigatoriedade de ter um diploma de ensino superior para lecionar, que foi resolvido em 2003 pelo conselho nacional de educação. Queremos que as universidades públicas, sejam elas federais, estaduais ou municipais, se comprometam com a formação de professores na rede pública.

Uma das diretrizes é estabelecer nexos entre as várias ações do MEC voltadas para a educação básica. Hoje ninguém é capaz de responder se existe compatibilidade entre os programas de formação inicial as diretrizes das licenciaturas, a compra de livros didáticos, a Prova Brasil e o Enade.

Segundo Haddad, “aqui no MEC, trabalhamos simultaneamente no atendimento de três eixos (Educação Básica, Profissional e Superior). E quatro temáticas (avaliação, gestão, financiamento e formação). Eu não tenho dúvida de que a formação é de longe a temática mais importante, se ela não for trabalhada, de nada adiantam recursos, boa gestão e avaliações periódicas. Só com bons professores, vamos fazer a diferença e garantir um ensino de qualidade em nosso país”.

Eu acredito que a educação vai virar um valor social. Quanto mais gente, não importa a área atuação: empresário, sindicalista, intelectual, perceber que é preciso melhorar a qualidade de ensino e que esse engajamento tem impacto sobre tudo na vida das famílias mais humildes.

Hoje as pesquisas realizadas com os pais dos alunos de escolas públicas mostram que eles estão satisfeitos com a qualidade. Precisamos conscientizá-los de que ainda há muito a avançar. Infelizmente essa é a realidade do país, mas devemos continuar lutando para fazer com que a educação assuma esse papel fundamental que tem para mudar a realidade da população.

É necessário atrair jovens para a carreira docente. Mas para isso é preciso uma conscientização da sociedade. Na minha opinião, o piso salarial nacional é um passo nessa direção – um ponto de partida nada desprezível. Eu estou convencido de que até os estados mais pobres vão conseguir honrar o piso e também o artigo da lei que prevê um terço da jornada de trabalho docente para atividades

extraclasse. Esse é o primeiro passo que vai sinalizar para a juventude que a carreira do Magistério é distinta das demais por ser a única que tem um salário inicial previsto na constituição. O jovem precisa entrar na carreira e saber aonde pode chegar. Por isso, estados e União devem entender que é preciso normatizar, em lei, a progressão na carreira. Só assim os professores poderão vislumbrar seu futuro e fazer disso um elemento motivador de sua prática. O terceiro ponto é sem dúvida a formação desse pessoal.

4.1 DESAFIOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO EDUCADOR DO SÉCULO XXI O EDUCADOR QUE OUSA E ACREDITA.

Costa (2007) afirma: “conforme uma visão autenticamente utópica, esperança não quer dizer cruzar os braços e esperar. A esperança é possível quando, cheios de esperança, procuramos alcançar o futuro anunciando que nasce no marco de denuncia por meio da ação reflexiva... A esperança utópica é um compromisso cheio de risco”.

Paulo Freire. (1997) Utópica, porém, verdadeira, consiste de que queremos, do que buscamos enquanto educador comprometido com a proposta de cidadania que acredita num mundo melhor, na educação assistemática, na subjetividade do conhecimento, na degustação de um saber fazer, no seu exercício da prática pedagógica. Traz à tona um olhar multidimensional, que envolve o educador em descobertas que transcendem a magia do ensinar e do aprender, carregando a esperança de um professor apaixonado.

O discurso de F. Imbernón (2000) fala que “o século XXI nos obriga a repensar uma forma de educar, numa nova forma de ver a instituição educativa e os que

trabalham nela. Que nova educação será essa? O que devemos manter e o que devemos abandonar da educação atual”?

Acreditamos no discurso contemporâneo idealizado para a educação no século XXI, perpassando por um momento de descobertas e parceria, sentimentos arrojados na autonomia, afetividade e reconhecimento do outro, respeito pelo outro, atrelados a um projeto de vida que entende a educação como solução para a reconstrução de um país letrado.

Para Paulo Freire:

O sonho pela humanização cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica etc., que nos estão condenando à desumanização. O permanente na história que fazemos e que nos faz e refaz.

A busca do sonho, da esperança, da paixão de formar.

São lemas de grande valia no desabrochar daquele educador que acredita em uma educação de qualidade. Vamos resgatar esse educador que está ainda adormecido dentro de cada um de nós, que sofre com a falta da valorização, do respeito e da dignidade por aquele que é também responsável pela educação deste país. A desumanização com esse profissional vem a galope, a falta de reconhecimento leva a um desgaste irreparável com danos de mão dupla, entre educador e educando.

A globalização, as novas tecnologias, a inclusão digital e o desenvolvimento sustentável cobram do educador questões de grande complexidade. Entre elas, competências, habilidades e liderança, utilizadas como base para uma gestão democrática que vislumbra uma equipe coesa com objetivos comuns, “aprender a aprender”. Cabe a esse profissional buscar sua formação continuada, especializar-

se na sua área de atuação, atualizar-se com as inovações tecnológicas e saber cuidar, cuidar de si e do outro, visualizando uma perspectiva planetária.

Guiomar Mello descreve que “todos que trabalham na área de formação de professores parecem estar convencidos de que as reformas que visam à melhoria da educação básica somente terão sustentação a médio e longo prazo se existirem professores preparados e comprometidos com a aprendizagem dos alunos”.

O professor, a professora, o educador e a educadora do século XXI vivenciam uma trajetória acadêmica de formação continuada sem projeção, ambição ou determinação, para eles é o seu objetivo de estudo. Louvamos aquele que acredita na educação enquanto processo de transformação. Priorizamos o profissional que faz de sua prática um exercício de construção de conhecimento que ousa, que faz a diferença, que estimula as relações intrapessoais e interpessoais no seu cotidiano escolar. Aquele que não usa a avaliação enquanto instrumento de poder, e sim um processo pedagógico, ético e dialógico.

“A avaliação se faz no tensionamento das relações humanas e sociais, ela atua como um dos motores da dialética da própria vida” (Targélia Albuquerque, 2006).

Sabemos que o processo de emancipação na avaliação procede de uma prática pedagógica crítica e consciente, dinâmica e qualitativa, de ordem prática do querer fazer, de sua realidade com o outro e pelo outro; logo, avaliar é o encontro dos saberes com um olhar multidimensional, desprovido de preconceitos e privilegiado pela autoavaliação, ação – reflexão – ação.

Ler, interpretar, criticar e construir são verbos que, aplicados nessa ordem, podem definir a trajetória de um educador que acredita no seu potencial que constrói o seu caminho, que vive no mundo da educação com a paixão de formar. O desejo maior é que esses educadores continuem a disseminar a paixão de ensinar. Ousar

na sua prática pedagógica faz parte do desempenho do educador do século XXI. Ele acredita no seu potencial, ele busca novas metodologias, ele sabe ouvir, ele dá autonomia ao educando, ele é criativo, amoroso, afetivo, comprometido com o processo educacional e com a esperança de mudança. Mudança que se faz necessária na formação e atuação do educador.

Paulo Freire nos liga, assim, não só à pedagogia de esperança, mas a uma pedagogia da esperança “molhada na dialogicidade, na utopia e na libertação dos homens e das mulheres” (Paulo Freire, 1992).

4.2 O USO DO COMPUTADOR NA EDUCAÇÃO, A INFORMÁTICA EDUCATIVA.

Conforme Rocha (2008), nos dias de hoje, tornou-se trivial o comentário de que a tecnologia está presente em todos os lugares, o que certamente seria um exagero. Entretanto, não se pode negar que a informática de forma mais ou menos agressiva, tem intensificado a sua presença em nossas vidas. Gradualmente o computador vai tornando-se um aparelho corriqueiro em nosso meio social. Paulatinamente, todas as áreas vão fazendo uso deste instrumento e fatalmente todos terão de aprender a conviver com essas máquinas na vida pessoal assim como também na vida profissional.

Na educação não seria diferente. A manipulação dos computadores, tratamento, armazenamento e processamento dos dados estão relacionados com a ideia de informática. Pode-se dizer que informática é: “conjunto de conhecimentos e técnicas ligadas ao tratamento racional e automático de informação (armazenamento, análise, organização e transmissão, o qual se encontra associado à utilização de computadores e respectivos programas)” (LUFT, 2006; 365)

Almeida (2007), estudioso do assunto, refere-se ao computador como “uma máquina que possibilita testar ideias ou hipóteses, que levam à criação de um mundo abstrato e simbólico, ao mesmo tempo em que permite introduzir diferentes formas de atuação e interação entre pessoas”. Sendo, por conseguinte um equipamento que assume, cada vez mais, diversas funções. Como ferramenta de trabalho, contribui de forma significativa para uma elevação da produtividade, diminuição de custos e uma otimização da qualidade dos produtos e serviços. Já como ferramenta de entretenimento, as suas possibilidades são quase infinitas.

Embora seja um instrumento fabuloso, o mesmo só será uma excelente ferramenta se houver a consciência de que possibilita mais rapidamente o acesso ao conhecimento e não somente, utilizado como uma máquina de escrever, hoje usá-lo como a tecnologia a favor de uma educação mais dinâmica, como auxiliadora de professores e alunos, para uma aprendizagem mais consistente, não perdendo de vista que o computador deve ter um uso adequado, significativo, pois informática educativa nada tem a ver com aulas de computação.

Alguns destes cursos de informática sequer têm formação universitária em centros de educação inexperientes, tem pouco conhecimento de didática e das teorias pedagógicas, enfim acaba trazendo para a sala de aula, o improvisado e as práticas de ensino mecanistas e repetitivas de cunho tradicionalistas sem qualquer preocupação com o desenvolvimento cognitivo de seus alunos.

A esse respeito comenta Valente (2003; 06) “isto tem contribuído para torna esta modalidade de utilização do computador extremamente nebulosa, facilitando sua utilização como chamarisco mercadológico” certamente esse não é o enfoque da informática educativa e, por conseguinte, não é a maneira como a tecnologia deve ser usada no ambiente escolar.

A informática se caracteriza pelo uso da informática com suporte ao professor, como um instrumento a mais em sua sala de aula no qual o professor possa utilizar esses recursos colocando a sua disposição. Nesse nível o computador é explorado pelo professor especialista em sua potencialidade e capacidade tornando possível simular, praticar ou vivenciar situações podendo até sugerir conjecturas abstratas, fundamentais a compreensão de um conhecimento ou modelo de conhecimento que se está construindo (Borges, 1999: 136).

A informática educativa privilegia a utilização do computador como ferramenta pedagógica que auxilia no processo de construção do conhecimento com inúmeras possibilidades pedagógicas desde que seja na reformulação no currículo que se crie novos métodos, metodológicos e didáticos, e que se repense qual o verdadeiro significado da aprendizagem, para que o computador não se torne mais um adereço travestido de modernidade.

Quando o próprio aluno cria e faz agir sobre o software, decidindo qual o melhor solucionaria seu problema, torna-se um sujeito ativo de sua aprendizagem. Quando a informática é utilizada a serviço da educação emancipadora, o aluno ganha em qualidade de ensino e aprendizagem.

A mudança de função do computador como meio educacional acontece justamente com um questionamento da função da escola e do papel do professor. A verdadeira função do aparato educacional não deve ser a de ensinar, mas sim a de criar condições de aprendizagem. Isso significa que o professor precisa deixar de ser o repassador de conhecimento – o computador pode fazer isso e o faz tão eficiente quanto professor – e passa a ser o criador de ambiente de aprendizagem e o facilitador do processo de desenvolvimento intelectual do aluno (Walente, 1993: 06).

Compete ao professor e ao aluno explorarem ao máximo todos os recursos que a tecnologia nos apresenta de forma a colaborar mais e mais com a aquisição de conhecimento. Ressalta-se ainda que o educador é antes de tudo, o fim para quem

se aplica o desenvolvimento das práticas educativas, levando-o a se inteirar e construir seu conhecimento, por intermédio da interatividade com o ambiente de aprendizado.

O grande desafio da atualidade consiste em trazer nova realidade para dentro da sala de aula, o que implica em mudar de maneira significativa o processo educacional como um todo.

5 CAPÍTULO II - OS DESAFIOS DA INDISCIPLINA NA FORMAÇÃO DOCENTE

Vasconcelos (PUC/SP) postula que o problema de disciplina é grave. Questões de indisciplina sempre ocorreram: há registros históricos de mais de dois mil anos antes de Cristo, com queixas do comportamento das crianças e dos jovens. Portanto, a indisciplina não é novidade. Nova é a intensidade com que vem ocorrendo nos últimos anos esse aumento quantitativo provocou uma mudança qualitativa de tal forma que não é mais possível deixar de lado essa questão na formação inicial e continuada do professor. Não estamos evidentemente, entendendo a disciplina como algo fora da prática educativa escolar, como um anexo, algo a mais. Seria artificial querer separar a disciplina de questões como interesse, motivação mobilização para o conhecimento, gestão da escola como um todo, relacionamento da escola com a comunidade, planejamento, conteúdo, metodologia, avaliação, objetivos, finalidades (o sentido do trabalho tem um papel absolutamente decisivo na constituição da disciplina). Entendemos, pois, que a disciplina deveria ser bem trabalhada na formação do professor, tendo em vista que é uma demanda melhor de atividade docente considerando a especificidade do trabalho escola, trabalho com cultura e o conhecimento elaborado de forma

mediada, sistemática, intencional e coletiva. Não há como sustentar a ideia de que a disciplina seria uma decorrência natural do trabalho pedagógico. A disciplina também não diz respeito ao sujeito ou ao relacionamento (interpessoal) professor-aluno, mas inclui o coletivo. Tem ainda um campo teórico metodológico próprio: os estudos sobre disciplina implicam um leque de termos peculiares, que não costumam ser abordados em outros campos teóricos na formação docente tais como: convivência escolar, coletividade de sala de aula (e da escola, clima de aula, direção ou manejo de sala, autoridade do professor, autonomia do aluno reconhecimento mestre-discípulo, limites de comportamento conduto, maneira de agir do aluno e do professor), controle de trabalho didático pedagógico regras, normas, direitos e deveres, sanções, relações de poder professor e aluno, a vivência de valores. Portanto, a tarefa de ajudar o aluno a construir um sentido para o estudo e lidar com os limites, bem com as possibilidades, é fundamental no ato educativo.

Enfocando reflexivamente o campo de formação docente entendeu-se por certo não existe formação universal. O critério de definição da formação tem a ver com a concepção de educação que se assume com o entendimento da função do professor. Entendemos que a tarefa dos professores é a humanização através do ensino que tem como meta possibilitar apropriação significativa, crítica e duradoura dos elementos relevantes dos conhecimentos e da cultura.

Em linhas gerais, o posicionamento dos professores pode ser classificado hoje em três grandes tendências: a Autoritária, a Espontânea e a Dialética libertadora (que representa em esforço de superação por incorporação tanto na Autoritária quanto a Espontânea), podendo ser analisadas enquanto parte do professor e concepção de disciplina.

Até que ponto nos dá conta de que a postura Dialética libertadora não é uma simples média, mas esta perpassa por uma tensão contraditória direção por parte do educador versus iniciativas por parte do educando. Freire exporta, recitamos que é urgente que a disciplina, possa ter um trato adequado na formação inicial dos docentes em relação aos professores que já estão atuando. Essa formação pode se dar através de estudos e cursos, no entanto, consideramos que o grande espaço de formação continuada do professor e o trabalho coletivo constante na escola, e uma reunião pedagógica semanal, aliada a uma atitude de pesquisa da própria.

Dessa forma, os problemas são enfrentados de maneira crítica e coletiva, constituindo-se não mais em motivo de queixas, mas em caminho de autêntica formação em direção a uma práxis transformadora.

5.1 PROFESSOR: A SALA DE AULA E OS DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE NA ATUALIDADE

Segundo Duarte da Silva (et al.), o homem é um ser biopsicossocial que, aliado à dimensão, torna-se integral, ele é um ser no mundo que só se realiza na coexistência, no encontro com o outro. Ele é a única criatura que sabe além de criar, apreciar a beleza da criação. Como não pode viver sem ética, também não pode viver sem a estética. Ao conviver em sociedade constrói valores, tais qual a honestidade, a solidariedade, a delicadeza, a sinceridade, a lealdade, o respeito e outros.

Segundo Teles, o homem necessita recorrer constantemente “à ética, à coragem de decifrar-se, à confiança na própria vida, ao amor como a demonstração mais elevada de interesse humano, de participação no grupo social, de respeito por

si e pelo outro, e a verdade que está acima de quaisquer interpretações, ideias ou opiniões.

No campo da filosofia, Teles defende que “a ética e a estética são maneiras de nos escutarmos, de dialogarmos, de nos encontrarmos sinônimos do próprio ato de existir”.

Segundo Delors (2001: 99) “a educação deve contribuir para o desenvolvimento total de pessoas – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade”. Todo ser humano deixa ser formado especialmente, pela educação ao longo da sua vida, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios valores, de modo a decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida.

Precisamos ser criativos e inovadores para desenvolvermos nosso ser. Isso nos proporcionará uma experiência profissional de sucesso, pois “aprender a ser” é um processo dialético que começa pelo conhecimento de si mesmo para se abrir, em seguida, a relação com o outro. Nesse sentido, a educação é antes de mais nada, uma viagem interior, cujas etapas correspondem às da maturação continuada da personalidade. É um processo individualizado e uma construção social interativa. Em se tratando da profissão docente, o professor necessita investir na sua formação continuada e no exercício da profissão conforme afirma Sacristán (1991):

(...) a profissionalidade da ação docente se define por um conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores, e para que se compreenda como se dá a interação dessa profissionalidade, é necessário reconhecer três contextos: o contexto pedagógico, que ocorre na prática da sala de aula, o contexto profissional que se define pelo saber técnico coletivo, e o contexto sócio cultural, que se define pelo valores (apud Kulla, 2000, p.106-107).

5.2 PROFESSOR E A SALA DE AULA

A sala de aula é um espaço pedagógico onde acontecem as interações sociais favoráveis à construção e à troca de experiências, informações, ideias e opiniões que contribuem para o crescimento educacional do indivíduo. Nela, a ação pedagógica estruturada no trabalho de grupos, além de propiciar as necessárias trocas de informações, cria situações que favorecem o desenvolvimento da sociabilidade, da cooperação e do respeito mútuo entre os alunos, garantindo aprendizagens significativas.

Na sala de aula, a função do docente é promover a aprendizagem dos alunos reconhecendo a importância de envolvê-los, mobilizar seus processos de pensamentos, explorar todas as dimensões e oportunidades de aprendizagem: fazer e refazer percursos; criar e renovar procedimentos, visando sempre seus alunos reais que formam grupos com características próprias.

Sendo o professor mediador do processo ensino aprendizagem na sala de aula, este, segundo Carvalho e Perez (1995) deve: Conhecer os conteúdos que devem ser ensinados e questionados à realidade, adquirir conhecimento teórico sobre a aprendizagem e estabelecer relações dos conteúdos com a realidade de sócio cultural dos alunos e refletir criticamente sua ação pedagógica, utilizar a pesquisa e a inovação. E necessário também o professor saber organizar o espaço da sala de aula para que este se torne um ambiente vivo e dinâmico, pois diferentes atividades requerem diferentes necessidades e diferentes arrumações. Podemos desenvolver o trabalho pedagógico em diferentes espaços, a saber: pátio, jardim, quadra, laboratório, sítio, terreno e outros locais que sejam adequados para o desenvolvimento de uma aula

6 ANÁLISE DE DADOS

6.1 CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Edgardo Júlio está localizada no bairro Nordeste II, na cidade de Guarabira – PB e atende a cerca de 450 alunos no segmento regular do Ensino Fundamental II nos turnos manhã e tarde, e nos segmentos do Ensino Fundamental I e II na modalidade EJA. A escola também conta com Sala de Recursos Multifuncional e Sala de Distorção (Projeto ALUMBRAR) para alunos com dificuldades de aprendizagem.

O corpo docente é formado por 20 educadores, distribuídos por disciplinas, a saber: 4 (quatro) de língua portuguesa, 3 (três) de matemática, 2 (dois) de geografia, 2 (dois) de história, 2 (dois) de ciências, 2 (dois) de inglês, 1 (um) de formação, 2 (dois) de artes, 2 (dois) professores polivalentes.

6.2 OBSERVAÇÃO E ANÁLISE DO GRUPO

Na elaboração do questionário, tivemos o cuidado de pensar em perguntas que nos indicassem o nível de formação do docente, a metodologia mais empregada em aula, assim como o tempo de atuação do professor no magistério. Em outras palavras, buscamos traçar um perfil da formação docente e sua maneira de conduzir sua prática em sala de aula.

Dessa forma, o questionário foi dividido em quatro partes. A primeira delas, gráficos 1 a 3, trata da formação e atuação do docente, isto é, a modalidade de ensino (regular, EJA) e a disciplina que o professor leciona, o seu tempo de serviço no magistério, como também a formação que possui em sua área de atuação. A segunda, indica a avaliação do professor sobre os encontros para Planejamento Pedagógico promovidos pela escola e a frequência com que acontecem. A terceira parte, gráfico 4, mostra os recursos didáticos e tecnológicos mais utilizados pelos professores para ministrar suas aulas. Já a quarta e última parte, gráficos 5 a 7, apresenta os instrumentos de avaliação utilizados pelos professores como medidores da aprendizagem dos alunos.

Aplicamos o questionário com os 20 educadores que compõem o corpo docente da escola, cujos dados apresentamos a seguir.

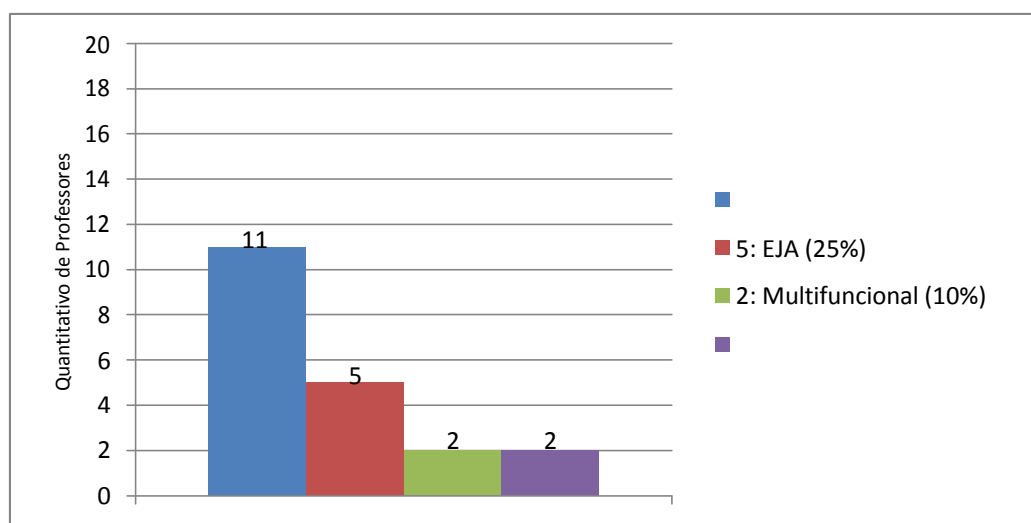


Gráfico 1. Modalidade de ensino em que o docente atua

Os dados obtidos com as respostas do questionário nos mostram que mais da metade dos profissionais que lecionam nesta escola (55%), atuam no ensino Fundamental II, modalidade regular. No entanto, há também um bom percentual (25%) para os que atuam na EJA, assim como para os que trabalham com salas de distorção/multifuncional (20%).

Essas informações são importantes, pois nos auxiliarão na montagem do perfil da escola.

O gráfico 2 mostra o nível de formação de professores:

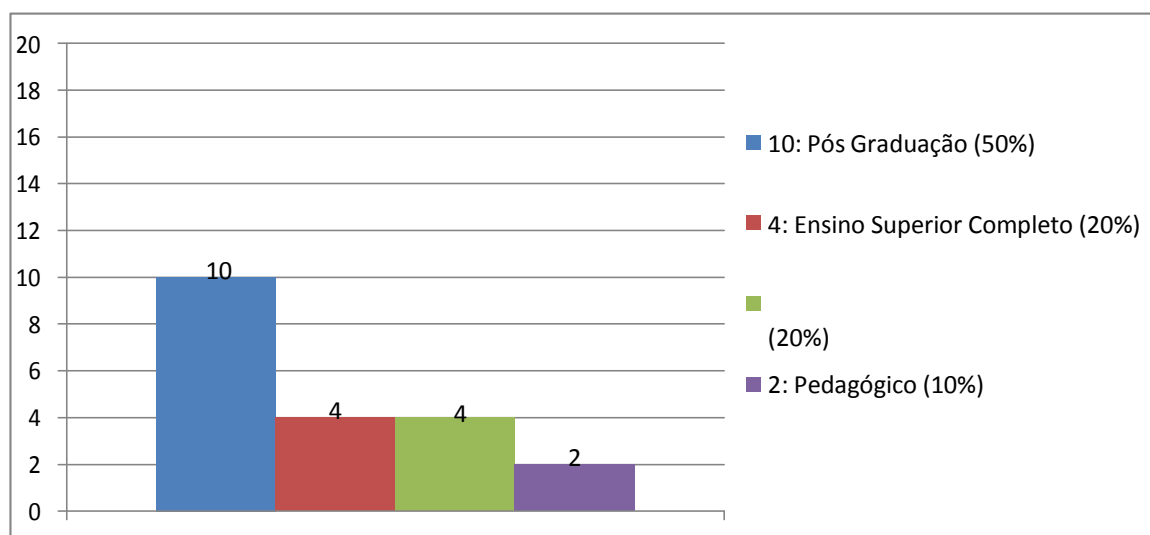


Gráfico 2. Nível de formação do docente

Podemos perceber que, quanto à formação, a escola apresenta no quadro de seu pessoal, apenas uma pequena parcela de 10% não possui curso superior. Este

é um dado bastante positivo, pois sugere que os professores investem em uma contínua formação, para atualização de seus conhecimentos e melhor desempenho em sala de aula. Os que ainda possuem vínculo com instituição de ensino superior, seja em nível de graduação ou de pós-graduação, também ajudam a trazer para a escola as inovações do mundo acadêmico, com vistas ao melhoramento e desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

O gráfico 3 revela o tempo de atuação no Magistério que o docente possui:

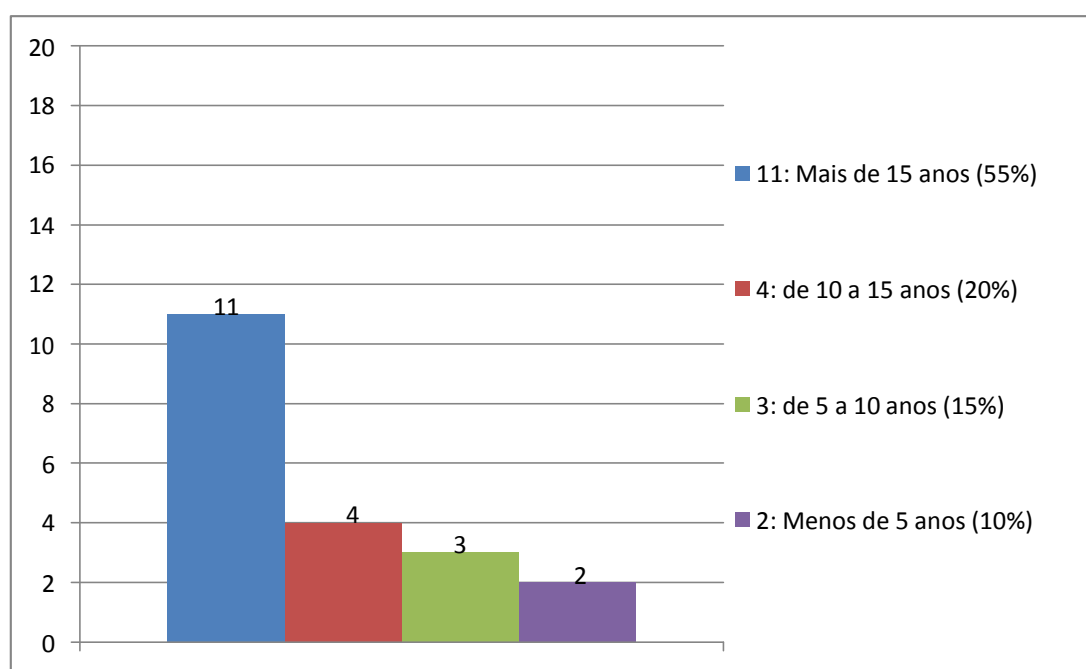


Gráfico 3. Tempo de atuação no Magistério

Com base em nosso levantamento, constatamos que a grande maioria dos professores está atuando no magistério há mais de uma década (75%). Esta informação nos faz refletir sobre as mudanças a que esses professores têm assistido, e sobre que estratégias estão utilizando para lidar com isso.

Quando perguntados sobre a avaliação que fazem do planejamento pedagógico no início do ano letivo, se ótimo, bom ou regular, os professores foram categóricos: 70% consideram ótimo, pois analisam esta etapa como de suma importância para o envolvimento de todo corpo docente nas atividades pedagógicas da escola, bem como da apresentação de sugestões e ideias de projetos a serem trabalhados ao longo do ano.

Para os 5% que responderam considerar o planejamento inicial como “regular”, a justificativa foi de que não há como prever o comportamento das turmas para elaborar propostas de trabalho.

Apesar disso, acreditamos que é imprescindível que as escolas promovam tais encontros, não apenas no início dos semestres, mas, também, periodicamente, para que os professores tenham oportunidade de compartilhar suas experiências – exitosas ou não – na busca por melhorias na educação como um todo.

Nesta escola, acontecem encontros para planejamento de aulas a cada quinze dias, e quando perguntados sobre sua opinião acerca desta periodicidade, 80% dizem estar satisfeitos com os encontros, e que estes têm servido como suporte para esquematizar conteúdos a serem ministrados de forma diferenciada nas turmas.

Dos demais, 10% prefeririam ter encontros semanais para que houvesse maiores sugestões de trabalho e um acompanhamento mais incisivo dos alunos indisciplinados, faltosos ou com dificuldades de aprendizagem nas diversas disciplinas.

Os outros 10% restantes, declaram ser desnecessário o encontro quinzenal, afirmando que bastaria um encontro mensal para compartilhamento do trabalho executado em cada disciplina. Afirmam, ainda, ser desgastante para os que trabalham em mais de uma escola participar de tantos encontros, já que os planejamentos são feitos individualmente, e nas reuniões são apenas comentados enquanto se sugerem atividades e trabalhos para motivar os alunos com alguma dificuldade de aprendizagem ou de comportamento.

Consolidamos os dados obtidos com os questionários e fizemos um levantamento dos recursos didáticos e tecnológicos mais utilizados em sala de aula pelos professores.

Infelizmente, nossas observações dão conta de que a imensa maioria dos docentes, ainda têm certa resistência a incluí-los em suas aulas.

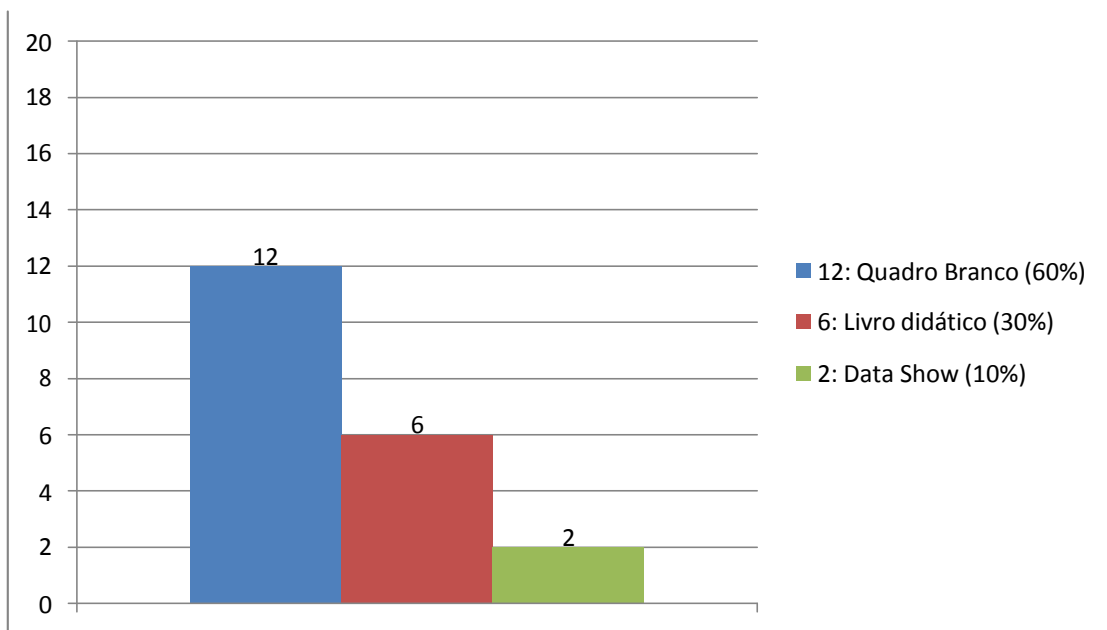


Gráfico 4. Recursos didáticos e tecnológicos usados em sala de aula

Como podemos perceber, o quadro branco e o livro didático monopolizam os recursos usados pelos professores para ministrar seus conteúdos e ainda se configuram como principal suporte para isso.

O que vemos de negativo nisto, é que, dessa forma, o professor restringe muito as possibilidades de seus alunos se envolverem em suas aulas e se motivarem a aprender os conteúdos, uma vez que essa geração de adolescentes e jovens que temos nas salas de aula, vive “conectada”, seja ao fone acoplado ao celular para ouvir música, seja pela *internet*, em conexão com as redes sociais das quais fazem parte.

O uso de apenas recursos tradicionais, como quadro branco e livro didático, pode agravar os problemas de indisciplina que já são bastante numerosos nas escolas de todo país.

Apenas um número reduzido de professores, 10%, declara já ter incorporado às suas aulas, o uso de data show, não apenas para apresentação de slides com textos, mas também, como ampliador da tela do computador e do horizonte dos alunos, que utilizam este equipamento para pesquisar coletivamente, imagens e textos multimídia na internet, como também, para interagir, em tempo real, com outros indivíduos, fazendo comentários em blogs ou páginas da internet.

O gráfico 5 mostra que a escola constrói coletivamente metas a serem alcançadas pelo professor:

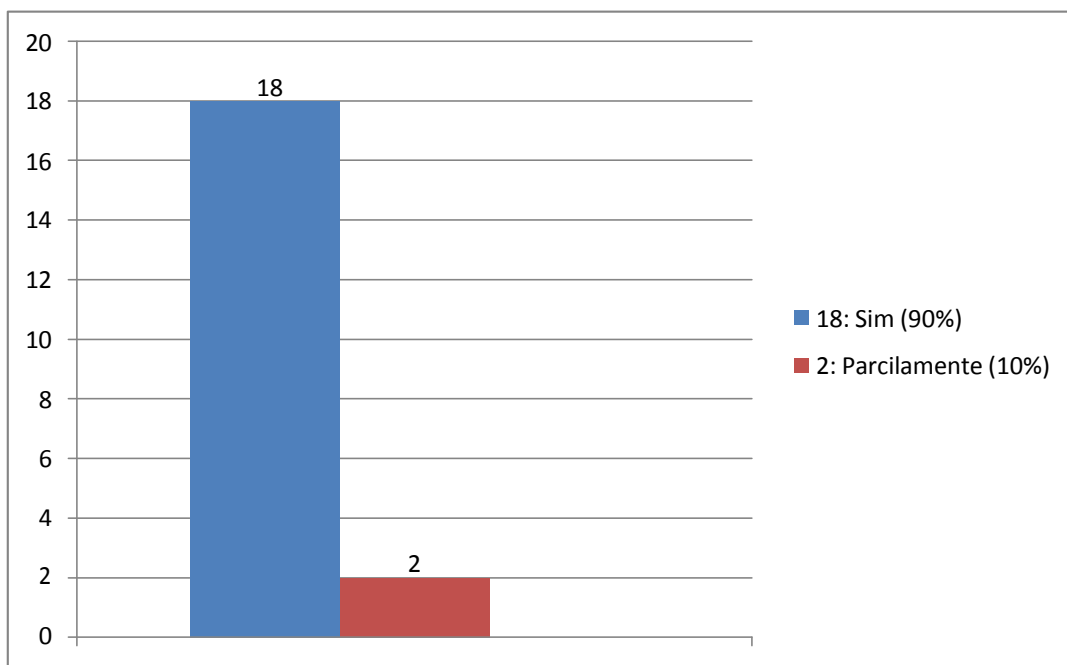


Gráfico 5. Metas a serem alcançadas pelo professor

Os professores, em sua grande maioria (90%) afirmam que, em geral, alcançam seus objetivos no ensino de suas disciplinas, seja por meio da utilização dos mecanismos tecnológicos que têm à disposição, seja por meio dos recursos usados tradicionalmente em suas aulas. Afirmam, ainda, que isso se deve à sua postura em sala de aula, fazendo com que os alunos se habituem ao seu método de ensino enquanto professor, respeitando seu trabalho e sua maneira de conduzir as aulas.

Em relação aos 2% dos educadores, que na sua prática, afirmam obter resultados parciais, a justificativa é de que os alunos estão muito indisciplinados, e que este é um problema que transcende a sala de aula, estão ligados à educação doméstica e às relações familiares que os alunos possuem.

Estes educadores afirmam que, nem mesmo o uso constante de ferramentas tecnológicas são capazes de prender a atenção dos alunos e fazer com que eles aprendam a matéria ensinada. Segundo eles, isso é o principal fator da desordem em sala de aula e causa transtornos e desmotivação, tanto para os professores, que preparam boas aulas e não conseguem aplicá-las, quanto para os alunos, que estão cada vez menos interessados no que a escola têm a lhes oferecer.

O gráfico 6 apresenta os instrumentos de avaliação que são mais utilizados em sala de aula pelos professores como medidor do nível de aprendizagem dos alunos diante da metodologia na transmissão dos conteúdos:

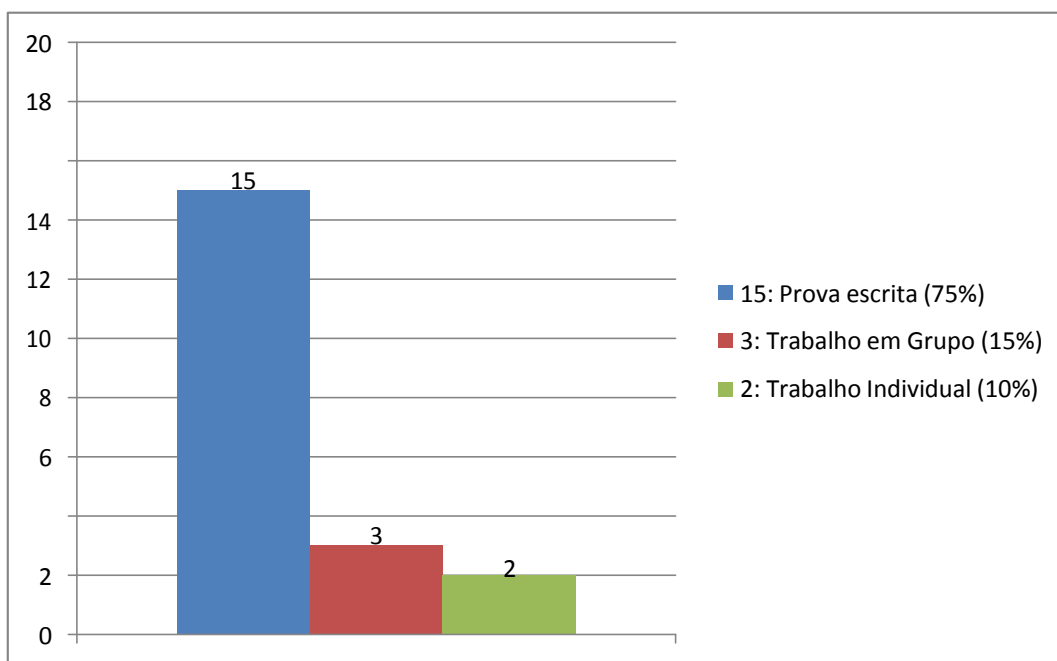


Gráfico 6. Instrumentos de Avaliação

Os instrumentos de avaliação que os professores demonstraram ser mais habitual foi o emprego de prova escrita com 75% de afirmação de seu uso. Esse instrumento está bastante relacionado à metodologia tradicional, e se coaduna com respostas anteriores já oferecidas pelos professores.

Há 2% dos professores que consideram adequado o uso de trabalho individual para fazer esta avaliação dos alunos. Neste enfoque, o aluno continua a trabalhar seus conhecimentos de forma isolada, assim como na prova escrita, isto é, muda-se o instrumento de avaliação, mas esta continua a acontecer sem que o aluno aprenda atitudes de cooperação de/para com seus colegas, embora já demonstre certa flexibilidade em relação à primeira.

Enquanto isso, apenas 3% demonstraram mais interesse pela utilização de trabalhos em grupo para a avaliação. Esta postura já é demonstrativo de uma abertura maior às novas abordagens do ensino, incluindo na sala de aula atividades colaborativas entre os alunos, incentivando-os à cooperação mútua para se conseguir o sucesso na aprendizagem e deixando de lado a competitividade entre eles.

O gráfico 7 traz um panorama quanto às estratégias de ensino que são empregadas com mais frequência pelos professores na sala de aula.

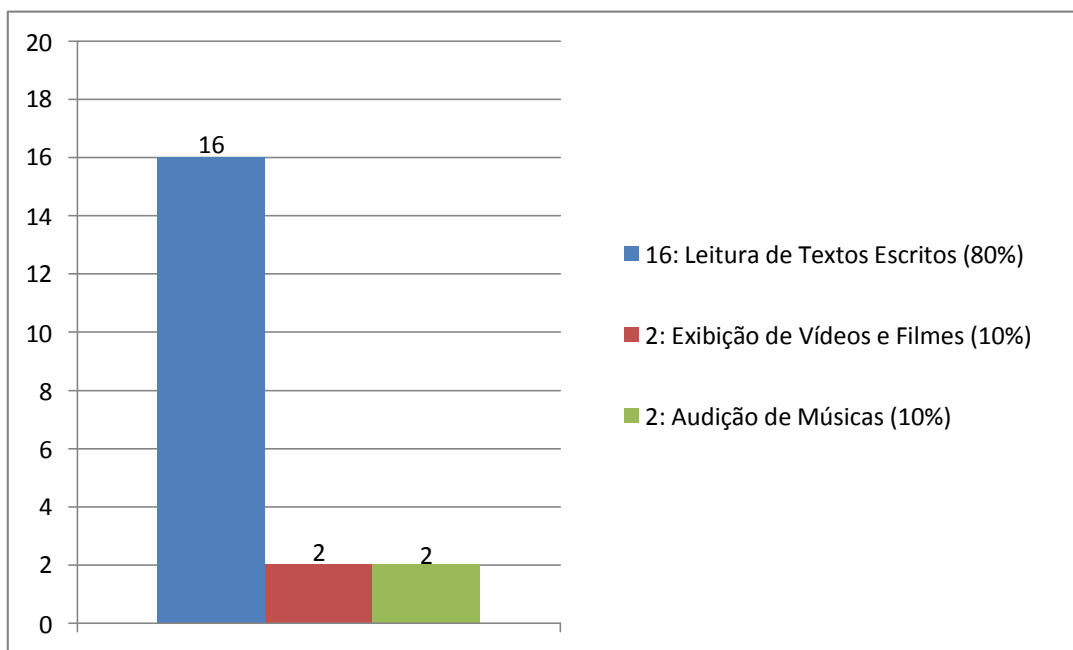


Gráfico 7. Estratégias de ensino na sala de aula

Diante desta questão sobre as estratégias de ensino em sala de aula, encontramos, mais uma vez, resposta maciça de metodologia tradicional: o uso do texto escrito como principal estratégia de ensino (80%). Isto já pode ser um indicativo do porquê de tanta indisciplina na sala de aula, pois conforme já dissemos, os adolescentes e jovens de hoje, são fruto de uma cultura televisiva, isto é, atraem-se mais pela imagem, a movimentação, a agilidade.

Pouco é o número de educadores que afirmam utilizar outras estratégias que não o texto escrito: 10% fazem a utilização em suas aulas de exibição de vídeos e filmes e outros 10% empregam em suas aulas audição de músicas.

Como vemos, ainda é baixo o índice de educadores que têm colocado à sua disposição elementos do cotidiano dos alunos para incrementar suas aulas e torná-las mais atrativas e interessantes. Esta é uma luta da qual não devemos nos retirar, mas sempre tentar motivar os professores a inserir em suas aulas, materiais que permitam aos alunos interagir com os outros, para, assim, conseguirmos criar um novo panorama na educação escolar.

7 CONCLUSÃO

O propósito deste trabalho foi discutir e analisar as repercussões da formação docente e do trabalho feito na escola e na sala de aula. Primeiro, apresentamos a formação docente na escola, ponto de vista pedagógico no que diz respeito às propostas, os objetivos e estratégias de ensinar, onde o professor ensina milhões de alunos a aprender com os saberes adquiridos.

Analizamos os desafios da indisciplina na formação docente, que é um grande problema (e muito grave) que vem ocorrendo nos últimos anos e que deve ser trabalhado de uma forma especial e coletiva.

Nesta pesquisa, foi desenvolvido um estudo sobre a sala de aula, e os desafios da prática docente na atualidade onde o professor precisa ser criativo e inovador e investir na sua formação continuada. E o desafio do professor na sala de aula é promover aprendizagem aos alunos e questionar a realidade e adquirir conhecimentos teóricos dos conteúdos com a realidade dos alunos. Vimos também que o professor se forma na escola, lugar onde ele ensina e aprender a ser um bom professor, e como também analisamos nesse estudo que o Ministro da Educação relatou que dar aula não é nada simples, é uma atividade mais sofisticada que o professor recebeu.

Notamos que na prática pedagógica do educador do século XXI o educador é cheio de esperança e procura alcançar o futuro e as habilidades necessárias de professores à estruturação curricular, utilizando as técnicas de trabalho em grupo e a cooperação, melhorando a socialização e o desenvolvimento comunitário na prática em sala de aula..

Diante das respostas obtidas com o questionário, vimos que as opiniões dos professores se destacaram na sua formação de ensino vivenciada na sua prática profissional.

Finalmente concluímos essa pesquisa, mencionando quanto ao uso do computador na informática educativa nos dias de hoje, a tecnologia está presente em nosso meio e a informática é uma grande ferramenta pedagógica que auxilia no processo de ensino para o desenvolvimento tanto dos alunos quanto ao do professor.

REFERÊNCIAS

Questionário adaptado com a colaboração da Professora Vera Lúcia Oliveira Cardoso (2014);

Revista Chartier A. M. Nova Escola Edição 236 outubro de 2010.

Revista Nóvoa A. - 192 pgs, Porto Alegre (Porto Portugal) –Nova Escola - Fundação Victor Civita – Edição 142 Maio 2011;

Revista Silva B. R.D. Vafal Semed Falitael SEE e Funesa
www.construirnoticias.com.br/asp.materia.asp?id=874 Construir Notícias Pedagógicas;

Revista Vasconcelos C.S. – PVC/SP pedagogo e filósofo Libertad Centro de Pesquisa, Formação e Assessoria Pedagógica
www.construir.noticias.com.br/asp/materia.asp?id=865
Construir Notícias Pedagogia Professor Construir

Revista Messias C.M.F. MC..ensino.eb.br/index.pln/revista_artiele_viel_w/29 de CM da Fontoura Messias 2013;

Revista Haddad T. Ministro da Educação – Nova Escola – Edição 2216 – Outubro 2008 – Fundação Victor Civita;

Revista Alarcão I. Investigação Didática e Tecnologia na formação de Formadores (CIDFF) da Universidade de Aveiro em Portugal a formação docente desde 1974 Nova Escola Publicada em junho de 2011 Fundação Victor Civita;

Revista Azanha J.M.P. (FF-USP) - Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo (Carvalho 201 p.13) Estudos Avançados Educação e Pesquisa Vol. 15 Nº 42 São Paulo (May Aug. 2001);

Revista Coata Rosa Recursos Humanos em Educação – Construir Notícias –
Notícias Coosy right 2007;

Revista Rocha S.S.D. - Informática Educativa e Mídias em Educação (UFC) –
Espaço Acadêmico nº 85 julho 2008;

APENDICE 1 - QUESTIONÁRIO

ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

QUESTIONÁRIO

<p>1) Etapa de modalidade que atua:</p> <p><input type="checkbox"/> Ens. Fundamental</p> <p><input type="checkbox"/> Ens. Médio</p> <p><input type="checkbox"/> EJA</p>	<p>6) Como acontece o planejamento de ensino</p> <p><input type="checkbox"/> Semanal</p> <p><input type="checkbox"/> Quinzenal</p> <p><input type="checkbox"/> Mensal</p>
<p>2) Nível de formação:</p> <p><input type="checkbox"/> Ens. Superior Completo</p> <p><input type="checkbox"/> Ens. Superior Incompleto</p> <p><input type="checkbox"/> Ens. Superior Pós Graduação</p>	<p>7) Os recursos didáticos e tecnológicos mais usados em sala de aula</p> <p><input type="checkbox"/> Quadro Branco</p> <p><input type="checkbox"/> Data Show</p> <p><input type="checkbox"/> Computador</p> <p><input type="checkbox"/> Livro Didático</p>
<p>3) Tempo de atuação no Magistério:</p> <p><input type="checkbox"/> Menos de 5 anos</p> <p><input type="checkbox"/> De 5 a 10 anos</p> <p><input type="checkbox"/> De 10 a 15 anos</p> <p><input type="checkbox"/> Mais de 15 anos</p>	<p>8) A escola constrói coletivamente metas a serem alcançadas pelo professor:</p> <p><input type="checkbox"/> Sim</p> <p><input type="checkbox"/> Não</p> <p><input type="checkbox"/> Parcialmente</p>
<p>4) Disciplina que atua:</p> <p><input type="checkbox"/> História</p> <p><input type="checkbox"/> Matemática</p> <p><input type="checkbox"/> Ciências</p> <p><input type="checkbox"/> Português</p> <p><input type="checkbox"/> Geografia</p> <p><input type="checkbox"/> Inglês</p> <p><input type="checkbox"/> Outro</p>	<p>9) Quais os instrumentos de avaliação que são mais utilizados em sala de aula:</p> <p><input type="checkbox"/> Prova escrita</p> <p><input type="checkbox"/> Trabalho em grupo</p> <p><input type="checkbox"/> Trabalho individual</p> <p><input type="checkbox"/> Seminários</p>
<p>5) Como você avalia o planejamento pedagógico no início do ano letivo:</p> <p><input type="checkbox"/> Ótima</p> <p><input type="checkbox"/> Boa</p> <p><input type="checkbox"/> Regular</p>	<p>10) Quais são as estratégias de ensino mais utilizadas pelo professor na sala de aula.</p> <p><input type="checkbox"/> Leitura de textos escritos</p> <p><input type="checkbox"/> Exibição de vídeos e filme</p> <p><input type="checkbox"/> Apresentação em power point</p> <p><input type="checkbox"/> Audição de músicas</p> <p><input type="checkbox"/> Outro. _____</p>